

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

O encontro do artista com o docente

Uma história de 30 anos junto ao Renascença Cia de Teatro

Everton Santos
RENASCENÇA CIA. DE TEATRO

Resumo: O relato apresenta resumidamente a trajetória de 30 anos do autor como fundador, diretor, ator, oficineiro e coordenador do Renascença Cia de Teatro, grupo artístico independente composto por arte-educadores, artistas, professores e estudantes, com sede em Montenegro/RS. Aborda principalmente a origem de seu encontro com o teatro a partir da escola Polivalente de Montenegro, suas experiências iniciais vividas com a equipe, as expectativas, superações e os desafios ao longo dessa caminhada. Traz reflexões sobre a importância da formação artística e a qualificação profissional.

.

Palavras-chave: Teatro. Formação. Arte-Educador.

INTRODUÇÃO

A minha relação com o teatro começou no início do ano letivo de 1983, como estudante da sétima série da Escola Estadual Dr. Paulo Ribeiro Campos de Montenegro – mais conhecida como Polivalente, colégio de primeiro grau na época, localizado na periferia da cidade. Os professores Jaime Zancket de História e Ana Maria Muller de Língua Portuguesa realizaram um trabalho conjunto envolvendo a construção de dois espetáculos mitológicos pelos alunos em cada semestre. Na época, o mais próximo que a biblioteca da escola tinha como material de dramaturgia era um livro de telenovela no qual me baseei para fazer a estrutura dos diálogos e das cenas. Apesar dessas dificuldades, ambos os espetáculos tiveram êxito, tendo significativa repercussão que levou a Direção do colégio me propor organizar e dirigir um grupo escolar de teatro para realizar montagens aos eventos da escola. E assim foi.

Ampliaram-se as atividades extracurriculares e multidisciplinares. Todo esse movimento, somado às oportunidades que a escola me proporcionou como bolsa de estudos no Conservatório de Música de Montenegro (hoje Fundarte) e os meus primeiros cursos de teatro, refletiram consideravelmente no meu rendimento escolar e na minha postura no dia a dia. O colégio não estava me educando, estava me

formando cidadão, marcando não apenas a minha vida, como também a dos colegas da época, os quais até hoje relembram com muita propriedade o período considerado “de ouro” que lá tivemos e o quanto alterou nossas visões de mundo.

Superações e certezas a partir das dificuldades

Ao trocar de colégio, começando o segundo grau, estranhei bastante a falta de atividades artísticas e extracurriculares que não eram estimuladas pelo novo educandário. O meu rendimento escolar não foi o mesmo. Mas continuei fazendo cursos de teatro, estimulado pela experiência no Polivalente, mantendo contato com os parceiros do antigo grupo de teatro escolar. Nesse período precisava começar a refletir no que gostaria de trabalhar e começava a amadurecer a intenção a possibilidade do teatro de alguma forma ser meu caminho.

Chegando no meu último ano de colégio, em 1987, reuni alguns dos antigos colegas do Polivalente para realizarmos uma montagem para a formatura daquele ano. Tivemos a permissão da Direção da escola, apesar de não demonstrar muito interesse. Começamos a trabalhar em junho para apresentar em dezembro. Os ensaios aconteciam no palco do Centro Cultural da cidade e mergulhamos na construção e produção do espetáculo. Montamos “Pialo de Sangue”, peça de minha autoria baseada em composição homônima do músico Raul Elwanger. Faltando um mês para a apresentação verifiquei com a Direção da escola como funcionariam os protocolos e me pediram para definirmos na semana da formatura. Seguimos ensaiando. Na semana da formatura retornei à Direção que, surpreendentemente, decidiu censurar o espetáculo com o argumento de que não acreditavam que levaríamos esta ideia à diante. Não aceitei a negativa considerando a permissão dada até aquele momento, bem como todo o envolvimento gerado. Apesar da falta de incentivo da escola e da tentativa de censura, a peça aconteceu como queríamos e presenciei novamente significativa repercussão entre os estudantes, alguns professores e familiares dos formandos que demonstraram apoio e satisfação pela forma artística da formatura do ano de 1987.

No dia seguinte, no Centro Cultural, enquanto recolhíamos os materiais da apresentação, três colegas disseram que tinham um assunto importante. Já me assustei: “Outro problema com a Direção?”. Mas logo um alívio: pediram a continuidade do trabalho para a formação de um grupo de teatro da cidade. Era o que eu aguardava. Nesse dia conversamos longamente, revendo todos os acontecidos e, principalmente, analisando os enfrentamentos e dificuldades que iríamos encontrar. Não poderíamos ser apenas sonhadores, tínhamos o compromisso de fazer acontecer. Acontecer de uma forma organizada. Dava-se o primeiro passo para a criação do Renascença...

A criação do Renascença

Retomamos os ensaios em janeiro de 1988. A época marcava um momento de estagnação dos movimentos artísticos independentes em Montenegro. No Brasil era o início da abertura democrática com o primeiro governo civil após a ditadura militar, porém enfrentando forte crise econômica e alto grau de desemprego (nada muito diferente da atualidade). Fazer teatro era uma loucura e viver dele era quase uma utopia. Quem desejasse seguir na carreira artística era aconselhado a se mudar para a capital ou procurar outros centros metropolitanos. Esta era a “cultura do pensamento”... Diante desse contexto, como fazer dar certo um grupo de teatro do interior gaúcho aspirar a profissionalização? Teríamos que quebrar paradigmas. Novas formas de encarar situações eram necessárias. E talvez, compreender o teatro como possibilidade de renda sob outro prisma que não fosse apenas e tão somente o entendimento de que a manutenção profissional se daria a partir de atuações em espetáculos, poderia significar uma revisão do ponto de vista quanto à forma de se re-posicionar de maneira estratégica no mercado de trabalho.

Aos 5 de março de 1988 então surgia o Grupo Teatral Renascença, formado por sete egressos e estudantes do ensino médio, com o objetivo de retomar o movimento do teatro em Montenegro e com a meta de atingir a profissionalização através da formação teatral de nossos integrantes. Reapresentamos o espetáculo

“Pialo de Sangue” no Centro Cultural de Montenegro (hoje Teatro Roberto Cardona). Passado a estreia veio a pergunta: “Como um grupo de jovens se aventurando no teatro achava que poderia se profissionalizar desenvolvendo um trabalho em Montenegro?”. Mas sabíamos que não estávamos nos aventurando e sim buscando um espaço para firmar nosso trabalho.

Novos rumos e estratégias

Dirigindo, atuando e coordenando o Renascença foi que iniciei meus estudos e pesquisas na área teatral, numa forma autodidata, buscando aprofundamento em leituras, seminários, cursos e oficinas que surgiam tanto na cidade como pelo Estado. Buscava fundamentos técnicos para melhor qualificação de nosso trabalho. Esta caminhada fez com que me aproximação das escolas me proporcionando atendimento com oficinas e projetos extracurriculares.

Ao longo do tempo, passando por tantas constituições de equipe, os integrantes que começaram a fazer parte do Renascença eram aqueles que almejavam o teatro como profissão, fosse como artista ou como docente. Todos ainda tinham outros vínculos de trabalho fora das arte, mas não deixando de desenvolver as atividades em nossa equipe de forma focada e com rigor ético e artístico. A cidade começava a ver o teatro como possibilidade de emprego passando a respeitar nosso trabalho. E para a felicidade dos grupos artísticos de Montenegro, nos anos 2000 é implantada a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul em nossa cidade, conveniada com a Fundarte. Era o que a arte precisava.

Enfim a Universidade

Em 2004 passei no vestibular... Após minha entrada na graduação de Teatro na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, polo dos cursos de licenciatura em artes na cidade de Montenegro, comecei a ver a possibilidades com a docência. Este polo, dentro da formação de licenciatura, possui um programa

curricular híbrido entre atividades teóricas e práticas, procurando contemplar a visão tanto do artista como do futuro docente. Tem-se a concepção de que este acadêmico necessita o exercício da prática artística para ampliar seu conhecimento, oportunizando melhor domínio quanto às especificidades da sua área e o seu trato no campo do ensino. O currículo inicial da UERGS se construiu sob o conceito de formação de um artista-professor (ou professor-artista), idealizando um projeto que atendesse às questões práticas integradas às questões teóricas de forma equilibrada. Por estabelecer esta aproximação entre arte e docência, que me interessei e me encontrei nesta instituição.

Confesso que, no início, buscava principalmente uma qualificação artística, sem muito interesse em lecionar, e aproveitar a bagagem pedagógica que me oportunizaria melhor condição como diretor e ator do Renascença e na orientação das oficinas nas escolas. No entanto, estimulado pelos procedimentos da própria universidade, comecei a perceber que os princípios artísticos não deveriam estar distantes dos princípios educativos do docente, pois assim encontraria bases para uma estruturação adequada de processos de trabalho convergentes à construção de conhecimento tanto no espaço de ensaio como na sala de aula. Os aspectos intrínsecos à arte teatral não são dissociados do caráter formador empregado na educação. Tomar o próprio teatro como referencial de ensino significava compreender que “escola e teatro são a mesma coisa”, como diz Copeau (ICLE, 2002, p. 33, apud COPEAU). E desta forma as perspectivas profissionais tomariam amplitude.

Conforme Icle (2002):

> O teatro, como linguagem artística, é idêntico, nos seus princípios, tanto para o ator quanto para o professor. As diferenças nas respectivas atividades configuram-se no contexto e, neste sentido, os princípios teatrais já prevêem uma adaptação de procedimentos a cada um. O teatro, em qualquer contexto, poderia assegurar ao indivíduo e ao grupo a possibilidade de um processo construído a partir das experiências dos sujeitos, na iminência de ser o resultado da interação de princípios comuns em realidades particulares. (ICLE, 2002. p. 34)

Conclusão

Reanalisando minha trajetória mais artística do que pedagógica e minhas experiências extracurriculares no âmbito escolar, percebo que, para uma articulação equilibrada nos processos tanto no direcionamento do grupo de atores do Renascença como no ensino do teatro na escola, é necessário buscar a qualificação para favorecer um profissional que estará preparado para desafios. Friso que a pretensão deste relato não é encontrar soluções específicas, mas absorver as questões e canalizá-las para obter reações necessárias. Favorecer o diálogo entre a postura do artista, a postura do docente ou a postura de outra função dentro do teatro é dirimir resistências que limitam o processo formador do profissional de teatro e suas perspectivas diante do mercado de trabalho. Creio que a diferença do trabalho realizado no teatro está no contexto de cada um e na forma de se colocar diante de sua função e profissão. E tais alternativas fizeram com que hoje o Renascença Cia. de Teatro esteja formado por arte-educadores que vivem do teatro, atuando, lecionando ou produzindo com a mesma responsabilidade.

Referências

BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. *A arte secreta do ator*. Campinas: Unicamp, 1995.

DUARTE JUNIOR, João Francisco*. Fundamentos estéticos da educação*. Campinas: Papirus, 1988.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GROTOWSKI, Jerzy; FLASZEN, Ludwik. *O teatro laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969.* São Paulo: Perspectiva: SESC; Pontedera, IT: Fondazione Pontedera Teatro, 2007.

HOUAISS, Antônio; Villar, Mauro de Salles. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.



ICLE, Gilberto. *Teatro e construção de conhecimento*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

MARQUES, Isabel A. *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. São Paulo: Cortez, 1999.

OIDA, Yoshi*. O ator invisível*. Pinheiros: Beca Produções Culturais, 2001.

PAVIS, Patrice. *A análise dos espetáculos*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

STANISLAVSKI, Konstantin. *A preparação do ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Manual do ator*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TELLES, Narciso. *Pedagogia do teatro.* Porto Alegre: Mediação, 2008.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. *Dicionário de teatro*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CABRAL, João Francisco Pereira. *Dialética*; Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/filosofia/dialetica.htm>. Acesso em: 30 abr. 2017.